

**DI PALMA, Gaetano, a cura di – *Una Saggia Educazione: Letture teologiche e prospettive*. Napoli: Pontificia Facoltà Teologica dell'Italia Meridionale, 2011. 304 p. Biblioteca Teologica Napolitana; 32.**

Se olharmos atentamente para a História, os desafios educativos são de sempre. Todavia, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, a questão da instrução, do ensino e da formação das gerações mais novas colocou-se com particular acuidade, dadas a evolução das tensões ideológico-políticas e sociais e a consolidação das ainda jovens ciências sociais, nomeadamente a sociologia e a psicologia (só por economia não referimos outras) que vieram a impor-se de forma quase exclusiva às chamadas Ciências da Educação. Assim a visão tradicional de séculos da tarefa educativa tem vindo a ser posta em causa, sobretudo recentemente, com o rápido desenvolvimento dos meios de comunicação social e das tecnologias de informação e de comunicação (TIC).

Face a este panorama, o episcopado italiano, em 2009, avançou com um *relatório-proposta* do que viriam a ser, no ano seguinte, as suas *Orientações Pastorais* para a segunda década do milénio ("Educar para a vida boa do Evangelho"). Procurando contribuir para o debate, a Faculdade de Teologia da Itália Meridional organizou uma convenção de docentes da *Seção São Tomás de Aquino*, dedicada aos *desafios da educação*, cujas atas deu à estampa no número 32 da coleção *Biblioteca Teologica Napoletana*. Temos assim um volume que se estrutura em oito capítulos, a cargo de diferentes autores que tratam do tema da educação desde a antiguidade bíblica e greco-romana até aos desafios hodiernos que animam o debate educativo, abordando, entre outros assuntos, a visão cristã da pessoa e de como ela poderá ser o contributo mais apropósito que o cristianismo poderá oferecer.

O exegeta Luca Mazzinghi abre com uma abordagem aos Provérbios (*O desafio educativo na literatura sapiencial de Israel*), perscrutando a forma como os sábios de Israel enfrentavam e respondiam às questões educativas da época. Com profunda intuição e de forma empírica sabiam que as relações entre quem ensina (com a tentação de impor padrões e estereótipos, de forma mais ou menos dogmática, fixista e conservadora) e quem aprende (com o risco da ingenuidade e da inexperiência) nunca foram simples. Pesquisa profícua que visa haurir paradigmas e lições pertinentes para os contextos tão díssímeis dos dias de hoje, tais como a atenção posta na liberdade: educar não será prescrever, impor, ordenar, mas sugerir, fazer pensar. Tudo isto sem esquecer a fé: para os sábios de Israel, a educação é um convite a abrir-se aos mistérios da vida e de Deus, com a humildade de quem sabe não deter toda a verdade.

O coordenador desta edição, Gaetano di Palma, também um exegeta, aborda o que modernamente se pode denominar como *currículo oculto* (*"Não é digno da nossa idade fingir"* (2Mac 6, 24). *O compromisso do testemunho para enfrentar o desafio educativo*). Não se aprende exclusivamente através de processos educativos formais, mas também (e muito!) com o testemunho, o exemplo modelar e público dos valores que orientam a vida (os ambientes educativos educam mais do que os conteúdos ministrados). Assim, no quadro histórico do período selêucida, o autor colhe esta lição: antes a morte do que dar maus exemplos aos jovens, traindo assim os valores estruturantes da vida, perante a ameaça de o povo bíblico se deixar inquirar pelas múltiplas culturas com que esteve em contacto, perdendo a sua especificidade identitária especial. A

educação servirá então o objetivo de manter a identidade (socializar, transmitir cultura), mesmo não recusando a novidade que o helenismo podia aportar. Hoje a globalização também pode pôr em causa as identidades nacionais ou regionais e os modelos educativos tradicionais, mas, por outro lado, constitui oportunidade de abertura à novidade, de diálogo com a diferença.

Cesare Marcheselli-Casale (*O cura morum e os catálogos sociofamiliares. Os textos cristãos de finais do século I e os clássicos greco-romanos*), outro exegeta, entende que o confronto entre os autores clássicos e o cristianismo emergente permitiu apurar o sentido crítico para fazer melhores escolhas. Eis aqui um apontamento pertinente para o ensino religioso escolar católico em Portugal (EMRC), ao nível da concretização das orientações curriculares e programáticas: pretende-se educar a inteligência (e a vontade e o coração) ou impor modelos comportamentais estereotipados, de forma acrítica e apologetica? Este texto pode ajudar-nos a perceber como a novidade do cristianismo aceitou os desafios que a cultura coeva lhe apresentava e, em confronto (diríamos: diálogo), procurar "escolher-se o que é útil, reconhecer a diversidade, descobrir a superioridade" (que útil seria hoje assim procedermos e não apenas importarmos acriticamente culturas e paradigmas alheios, sem aculturação, submetendo os nossos jovens a experimentalismos educativos decorrentes de teorias mais ou menos peregrinas que pouco refletem a nossa identidade e a nossa memória).

O professor de filosofia Pasquale Giustiniani (*Filosofia cristã e pessoa para ganhar a aposta educativa*) apresenta a seguinte tese: o cristianismo deve responder aos desafios educativos a partir da noção de *pessoa*. É o grande recurso, enraizado nas Escrituras e nascido das reflexões cristológico-trinitárias, consolidado numa tradição de dois milénios, que desborda sabedoria e lhe dá autoridade (lembramos Paulo VI na ONU ao referir a Igreja como *perita em humanidade*). A partir daqui o autor entende que a educação (enquanto formação da pessoa) não se esgota na preparação de um bom cidadão ou de um bom cristão, mas deve servir *simplesmente para ser homem ou ser mais homem*. Daí a necessidade de revisitar este semema à luz das categorias antropológicas mais recentes, a fim de evitar o *exclusivismo antropológico* que possa impor um único modelo de razão e de pessoa (uma antropologia sem o outro e até sem Deus). Então, o diálogo entre a fé e a cultura é *oportuno e importuno* e pode constituir-se como instância crítica do relativismo hodierno. Mas o autor adverte que, como a Patrística nos ensina, não se trata de apresentar o cristianismo como uma outra cultura que quer substituir a(s) cultura(s) existente(s), mas de dar uma nova semântica às estruturas culturais existentes.

O bispo Ignazio Schinella (*A educação da consciência na sociedade moderna*), moralista, põe a tónica na formação da consciência. A modernidade, em nome da absoluta autonomia do Homem e da sua visão individualista da liberdade como direito absoluto, gerou a convicção de "seguir a própria consciência", para lá de quaisquer normas morais objetivas. Ora o cristianismo sempre entendeu a liberdade como "abertura à realidade e à verdade da vida", como tensão e inclinação para o bem que a razão descobre e cuja palavra é a *voz da consciência*. E é a lei moral que põe em relevo o estatuto da pessoa, estatuto nascido e precedido pela relação com o outro. Nesta perspetiva, a autonomia é um valor fundamental, mas *segundo* (não secundário), pois a lei moral precede-a ao suscitar-me a atenção ao outro e ao respeito que lhe é devido. Quanto à tarefa educativa, será necessário educar a consciência desta relação com o outro que irrompe na vida de cada um.

O professor de teologia espiritual Francesco Asti (*Educação e autoformação na era da Internet como parte do serviço da Teologia*) discorre sobre as múltiplas possibilidades pedagógico-didáticas que as TIC oferecem à investigação, estudo e ensino da teologia: o *elearning* e o *eteaching* encerram imensas potencialidades, embora exijam novas formas de ensinar e de aprender. Ora, que modelo de Homem está subjacente na cultura dos multimédia (redes sociais, *chats*, *emails*, *sms*)? Esse modelo põe em causa o modelo de homem da teologia? Como conjugar os "valores fortes" da pedagogia tradicional com os desafios e potencialidades das TIC? O autor socorre-se da *andragogia*, como oferta de um caminho formativo (e autoformativo) que permita chegar à maturidade. Mais do que o mero processo de transmissão de conhecimento (o professor ensina e o aluno assimila e reproduz), a *andragogia* reequaciona o modelo e as funções dos intervenientes e dos processos: o professor é guia e recurso na descoberta das potencialidades do discente, encoraja a pesquisa pessoal, o percurso formativo e os resultados; o aprendente desenvolve capacidades e competências, criando processos significativos ao usar saberes adquiridos. Será um processo que favorece a interiorização de valores, a síntese ou sínteses finais, a reconstrução dos saberes e as práticas colaborativas. A *andragogia* proposta é um percurso educativo dinâmico e formativo que lembra o paradigma de ensino e da aprendizagem por competências, que vigorava no sistema educativo português até há menos de dois anos.

O pastoralista Antonio Palmese (*Desafio ou aposta: que itinerários educativos?*) defende a necessidade de ouvir os educandos a fim de se poder escolher um caminho convincente e credível. Os jovens crentes ou simpatizantes do cristianismo são uma minoria e, portanto, para lá dos inquéritos orientados para respostas desejadas, mais vale apostar seriamente numa realidade que pode conter novidades inesperadas. Assim se evitará o "consumismo de experiências" e se poderá procurar significados e projetos para a vida. Num tempo de *pensamento débil* e de crise da interpretação holística da realidade, os jovens têm dificuldade em estabelecer a sua identidade, uma "personalidade forte" e "um centro interior [...] que permita a avaliação e o discernimento crítico em vista das opções concretas da vida". Aqui a Igreja tem teimado quase exclusivamente no aspeto religioso, ignorando as outras dimensões da vida, fazendo propostas que excluem muitos e que dificultam o diálogo. Assim o autor aponta várias tarefas e itinerários que vão desde a não discriminação ou exclusão dos não crentes até ao pluralismo de projetos (contra uma visão monolítica, centralizadora, uniformizadora e exclusivista), passando pela preocupação com os "sujeitos reais" do processo educativo, superando a tentação do proselitismo ou da apologética, fomentando uma "cidadania ativa" que privilegie o exercício quotidiano da democracia e das responsabilidades cívicas em vista do bem comum. Educar para esta cidadania ativa implica passar da reivindicação para a intervenção e empenho em projetos, no gozo dos direitos, no respeito pelos limites e no cumprimento dos deveres, na solidariedade, na liberdade e na igualdade. Eis algumas sábias advertências para a forma como se tem vindo a implementar curricularmente a Disciplina de EMRC no nosso país...

O texto seguinte é do professor de filosofia da educação Carmine Matarazzo (*A educação entre emergência e desafio. Prospetivas filosóficas para uma sociedade em mudança.*), que advoga que, em lugar de educadores autoritários (com a tarefa educativa centrada exclusivamente em si), devemos concentrar a atenção nos aprendentes. O Cristianismo, já desde as suas origens, teve uma "ânsia pedagógica" forte, pois a pessoa de Cristo e sua mensagem implicava uma nova *paideia*. E pelos séculos

fora, este impulso inicial continuou com novos objetivos, práticas, métodos pedagógicos e o pulular de instituições e de modelos educativos. Tendo por p(l)ano de fundo a história, o autor conclui de forma otimista que, desde a ótica do cristianismo, mesmo neste mundo de cultura e mentalidade frequentemente niilistas, relativistas e embebedas no pensamento débil, "educar é possível". Exigir-se-á uma *intencionalidade educativa* em relação aos valores fundamentais da existência, uma proposta convincente que possa superar o relativismo cultural, educativo social e moral. Para educar, o cristianismo deve pois descobrir as "ânsias e as inquietudes" do homem e oferecer um "real" projeto de vida dador de sentido.

Este volume fecha com Luigi Longobardo (*A ação educativa da Igreja iluminada pelas antigas comunidades*), patologista, que refere a especial solicitude dos Padres pela tarefa educativa. A noção cristã de pessoa, essa "pérola" do pensamento teológico, será a resposta adequada ao desafio educativo hodierno, pelo que se torna necessária a renovação de uma antropologia centrada na pessoa. E o futuro educativo do cristianismo deve confrontar-se com os "estilos educativos", as estratégias, os percursos pedagógicos e os métodos de resolução de problemas propostos pelas primeiras comunidades cristãs. Foi isso que permitiu ao cristianismo emergente, usando as categorias culturais greco-romanas, criar uma nova semântica, mantendo sempre a sua identidade original, sem se tornar irrelevante ou estranho aos processos educativos do tempo. Nesta altura, o grande modelo educativo é Cristo, o *Pedagogo* (Clemente de Alexandria).

Numa abordagem teológica e interdisciplinar, feita no horizonte da tradição, pretende-se lançar propostas concretas para a atualidade, na certeza de que a educação é "questão fundamental e decisiva" que exige escolhas estruturantes. Propõe-se pois uma *sábria educação*, que, em nome de Deus e do Homem, responda às questões educativas hodiernas e procure ultrapassar a submissão e circunscrição, sempre redutoras e excludentes, a algumas das chamadas Ciências da Educação (que vieram a gerar o *eduquês*, desde uma visão romântica da pedagogia, segundo o professor Nuno Crato, atual Ministro da Educação). *Sábria educação*, em aprofundamento e (re)construção permanentes, para que as nossas escolas (e por extensão o sistema educativo) não se tornem em "baldio educativo" onde se fazem experiências (em nome de quê ou de quem?) com os jovens, à luz de modas e teorias mais ou menos peregrinas e ideologicamente datadas. Para tal é premente a revisitação de uma antropologia global (fundada no conceito de *Pessoa*), que fundamente e valide os contributos de todas as áreas do saber, enquanto visões necessárias, mas sempre parciais.

As prospetivas destes docentes napolitanos são otimistas e interpelantes, embora a tarefa seja ainda incipiente, apesar da fina e cuidada análise e rigor científico patente, alcandorados na autoridade e na sabedoria acumulada de milénios. Eis um desafio sério a que a teologia, no seu âmbito epistemológico próprio, deverá também responder, sem deixar de se abrir ao mundo, às novas aquisições dos diversos saberes, com a elevada missão de dar à reflexão sobre a educação um "suplemento de alma", uma unidade global de compreensão e uma chave de leitura que as diversidades ideológicas, epistemológicas, filosóficas e culturais ainda não alcançaram. O próprio editor confessa que "não é possível falar de tudo de uma só vez. É preciso retomar o discurso e colmatar lacunas para que se possa oferecer um contributo substancial".

Acresce que, se estes trabalhos são uma resposta às Orientações Pastorais do episcopado italiano e, portanto, se cingem à educação cristã em Itália, será premente

universalizar a tarefa, ainda que só em contexto europeu. Entretanto já passaram dois anos e o mundo e a história continuam a girar à velocidade dos *terabytes* e dos *soundbytes*...

Um reparo deverá também ser feito, salva melhor opinião. Estes contributos estão confinados a um universo quase estritamente eclesial, centrado na comunidade crente e não tanto no mundo (mesmo que um ou outro autor manifeste essa preocupação), em diminuto diálogo com os saberes profanos, com outras visões da educação. Ora, como já dissemos, a Igreja tem uma sabedoria milenar sobre o Homem (para já não falarmos do influxo do Espírito), contributo inestimável para o debate; debate que deveria ser não só no interior da Igreja ou com preocupações estritamente pastorais, mas como forma de apresentar a relevância da sua Mensagem e Missão no mundo e para o mundo, desde a sua identidade própria original.

Por isso, talvez tivesse sido academicamente mais oportuno e, porque não dizê-lo também, evangelicamente mais pertinente, dialogar com o mundo e a cultura desde um modo outro de ver as coisas: enriquecedor, dador de sentido, de olhos postos num futuro sempre novo para a tarefa educativa, desde a fé em Cristo Ressuscitado, razão, sentido e fim da nossa esperança. E não tanto insistir em afirmar, mais uma vez, a oportunidade, fundamento e validade de uma educação *cristã*. O diálogo com os outros saberes não deve redundar apenas no seu uso para justificação das nossas perceções e objetivos. Deve antes ser a atitude de honestidade requerida para se falar com o mundo e ao mundo em nome do Homem. Deste modo, o predicado *cristão* (incontornável, sem dúvida!) poderia ser postergado em função deste diálogo para concertar esforços no sentido da formação integral do Homem de amanhã. Inspirado em J. Moltmann, diria que, de facto e frequentemente, olhamos demasiado para a nossa identidade e memória e esquecemos a relevância que o Cristianismo deve ter no mundo e na cultura.

Para terminar será oportuno referir que estamos perante úteis interpelações para os especialistas que, na hora que passa, se esforçam por compaginar as orientações da Conferência Episcopal Portuguesa de 2006 sobre o ensino de EMRC, com as prescrições acerca do paradigma curricular e programático recentemente legisladas pela tutela da Educação. Como já foi dito, educar a inteligência (e a vontade e o coração) deverá, educativamente falando, prevalecer sempre sobre a vinculação a modelos comportamentais, sobre a sugestão de estereótipos moralistas, sobre a tentação da apologética e do proselitismo, de forma acrítica e pouco escolar(izada). Pode pois servir esta obra como pro-vocação à Faculdade de Teologia, para ensaiar a superação das perspectivas pastoralistas e catequéticas e estruturar um discurso sistematizado e coerente sobre EMRC como uma *sábia educação*, com *saber* e *sabor*, escolarmente significativa, cientificamente sustentada, culturalmente pertinente, academicamente respeitada e institucionalmente reconhecida, que se confronte honestamente com os outros saberes e contribua eficazmente para a formação integral dos nossos jovens, em clima de liberdade e de pluralismo.

Francisco Guimarães